

São guerreiras. E tomaram o controle

Gravidez precoce ou indesejada, crises em casa, abandono: são situações que levam mulheres a assumir o papel de chefes de família

SANDRO THADEU
DA REDAÇÃO

Não é fácil assumir a condição de chefe da casa, principalmente quando tal missão passa a ser cumprida por uma mulher em situação de vulnerabilidade social. Em geral, essa atribuição surge após ocasiões como gravidez precoce ou indesejada, instabilidade familiar e abandono.

Esse foi o caso de Clara (nome fictício), uma das centenas de moradoras do cortiço do Centro de Santos. Com pouco mais de 30 anos, ela assumiu a responsabilidade de criar e sustentar sozinha os cinco filhos, com idades entre 2 e 11 anos.

Desde o início do ano, ela está separada. O casamento foi de mal a pior desde que o ex-marido (atualmente preso) passou a ser usuário de crack. As discussões e as brigas se tornaram constantes.

"Era muito humilhada. Sofria com a violência. As lembranças são péssimas. Conseguimos sobreviver com as faxinas que faço e com os benefícios do Governo (programas de transferência de renda)", disse.

É um fardo pesado demais, mas algumas conseguem reunir forças na atividade laboral para se sobrepôr à figura masculina. Muitas vezes, abdicam da feminilidade, dos cuidados com a saúde e até mesmo da sexualidade para oferecer amor e carinho a filhos, netos e irmãos.

Embora a baixa autoestima, as frustrações e os medos sejam grandes, a coragem e a perseverança dessas vítimas da exclusão social são maiores.

São pessoas de fibra que estão em um processo de ruptura para a reconstrução de uma trajetória marcada por experiências negativas. Em síntese, são verdadeiras guerreiras.

Cida é um desses exemplos. Ela reencontrou a felicidade no Projeto Vanguarda, que consiste na construção de 181 apartamentos, erguidos em sistema de mutirão, no Paquetá, em Santos. Ao final, será a proprietária de uma dessas unidades.

A força feminina representa cerca de 70% da mão de obra do local. "Muitas têm uma história de vida parecida. Por isso, nosso trabalho aqui é uma terapia. Uma acaba ajudando a outra", afirmou.

A realidade citada por Cida está retratada no artigo científico *Condição Feminina de Mulheres Chefes de Família em Situação de Vulnerabilidade So-*



No Projeto Vanguarda, trabalhadoras participam da construção de 181 apartamentos no Paquetá; serão proprietárias dos imóveis que erguem

FOTOS VANESSA RODRIGUES

Direitos

A pesquisa do Nepec/Unisantos também analisou questões relacionadas à vida sexual das mulheres, como saúde, gravidez, planejamento familiar e sexo seguro:

Os métodos anticoncepcionais hormonais foram descritos pelas entrevistas como ineficazes e de difícil utilização, devido ao esquecimento de tomar a medicação e aos efeitos colaterais desagradáveis

Oito das nove mulheres aceitaram fazer sexo sem camisinha. Quando os parceiros se recusavam a utilizá-las, as mulheres não apresentavam resistência frente à negativa, o que demonstra a submissão cultural feminina

A camisinha não é percebida como elemento de proteção contra doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) e só foi citada no sentido de evitar a gravidez

A gravidez indesejada foi citada por todas as mulheres. As reações frente a essa situação foram de depressão, tristeza e raiva do parceiro

Nenhuma das mulheres teve conhecimento das ações de planejamento familiar lançadas em 2006 pelo Governo Federal

Participantes

Além de Rosa Ferreira Pinto, o trabalho do Nepec foi produzido por estas profissionais: Fátima Aparecida Barbosa de Oliveira Micheletti e Magda Lucia Novaes Silva (assistentes sociais); Luzana Mackevicius Bernardes e Joice Maria Pacheco Antonio Fernandes (enfermeiras); Gisela Vasconcelos Monteiro, Tânia Maria Horneaux de Mendonça Barreira e Aparecida Favorêto Makhoul (psicólogas); e Amélia Cohn (socióloga)



Setenta por cento da mão de obra no empreendimento, concretizado em regime de mutirão, é feminina

cial, publicado na Revista Serviço Social & Sociedade (principal publicação científica de Serviço Social no Brasil).

O trabalho foi produzido pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação em Saúde Coletiva (Nepec), ligado ao programa de Mestrado em Saúde Coletiva da Universidade Católica de Santos (Unisantos).

ESTRATÉGIA DE SOBREVIVÊNCIA
Conforme a coordenadora do Nepec, a assistente social Rosa

Maria Ferreira Neto, foram entrevistadas nove mulheres dos cortiços do Centro.

"O que ficou bastante forte para nós é que essas mulheres são verdadeiras guerreiras", frisou ela, que é docente da Faculdade de Serviço Social da instituição de ensino.

As entrevistadas tinham entre 28 e 53 anos. Todas elas viviam com filhos, netos ou algum irmão. Sete eram solteiras e duas foram casadas.

Um aspecto que chama a atenção da pesquisa é que apenas duas trabalham com registro em carteira, sendo que

uma com contrato temporário. O ganho salarial variava de um a dois salários mínimos (de R\$ 545,00 a R\$ 1.090,00).

As demais mantêm a casa atuando nas mais variadas ocupações: por exemplo, sucateira, faxineira, manicure, servente de pedreiro, ambulante e ins-

petora de alunos.

"As mulheres não conseguem um emprego mais bem remunerado com carteira assinada e conciliar a atividade para conseguir cuidar dos filhos. Por esse motivo, acabam optando por serviços com horários mais flexíveis", disse Rosa.

ORIGEM

Desde 2003, as condições de vida e de saúde nos cortiços de Santos são alvo de pesquisas do Nepec. O projeto contou com auxílio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

Foram produzidas dissertações de mestrado e teses de iniciação científica dos alunos de graduação de Enfermagem, Psicologia e Serviço Social da Unisantos.

Mas nem todas conseguiram paz

O trabalho do Nepec identificou que a subordinação da mulher ao homem e as violências sexual, física, doméstica e psicológica estão muito presentes na vida das nove mulheres analisadas pelos pesquisadores da Unisantos.

Conforme a responsável pelo estudo, Rosa Maria Ferreira Pinto, as lembranças de estupro ainda estão muito presentes. Uma delas passou por tal situação aos 3 anos. Pior: isso se repetiu em várias ocasiões durante a infância.

Agressões e o estupro são, normalmente, praticados por

companheiros e ex-companheiros, o que reitera a força cultural que leva à condição de subordinação dessas mulheres.

Para completar esse trágico cenário, as drogas também fizeram parte do cotidiano de vida delas.

Três chegaram a ser usuárias de maconha, cocaína e álcool. Duas também entraram no ramo do tráfico, por imposição da pessoa com quem se relacionavam sexualmente.

FIGURAS DISTINTAS
A pesquisa identificou uma

grande diferença entre as figuras materna e paterna, na visão das moradoras de cortiços de Santos entrevistadas.

Na maioria das histórias, as mulheres têm papel de destaque e estão relacionadas a sentimentos negativos – normalmente ligados à violência.

Apesar dos maus-tratos, reproduzem os valores machistas e de subordinação, pois ensinavam às filhas que o casamento era a melhor opção de vida.



Há quem entre no mundo das drogas e as trafique por conta própria ou por imposição do companheiro